



## CHEGA DE JEITINHO E MALANDRAGEM

O mundo recente sofreu uma tremenda virada com os fortes abalos da economia. Os especialistas não tiveram competência para prevê-los e, muito menos, evitá-los. Os países tentam se ajudar. Os bancos, embora também sacudidos, tentam acorrer em socorro de alguns setores econômicos. Não que os bancos sejam bonzinhos: seus controladores sabem que se seus clientes rodarem, eles também rodarão.

Economistas tentam explicar, fazer previsões, algumas sombrias, outras otimistas. E para nós, o que vai advir deste rearranjo econômico? Talvez, uma mudança de perspectivas da própria educação. A educação deverá focar objetivamente a vida real deste início de milênio, que exige uma nova visão e uma nova maneira de ser das pessoas. O "jeitinho brasileiro" não tem mais vez. Aquela educação do "faço de conta que ensino e o aluno faz de conta que aprende" não é mais aceita nem aqui e nem em lugar algum. Ou se educa para a competência ou há incompetentes.

Uma convicção as nações já têm há tempos: a de que a educação é a única saída individualmente e para as coletividades. A educação evolui a passos largos mundo afora, e nós te-

mos que tentar alcançar os demais países e acompanhá-los. O problema é que, enquanto alguns países fazem contas para prever de quantos doutores precisarão em 2015, o Brasil está fazendo contas de quando alfabetizará a todos os seus cidadãos.

Os indicadores mostram que o problema da educação brasileira não é de ordem financeira. Dinheiro para a educação existe e não é pouco. O que falta é a otimização na sua aplicação. A melhor utilização dos recursos destinados à educação é condição primordial para resolvermos nossos problemas educacionais. Enquanto o Brasil investe 800 dólares anuais em cada aluno da educação básica, investe 10.000 dólares em cada estudante do ensino superior público. Qual é o retorno social e científico deste investimento?

O aluno brasileiro permanece poucas horas por dia no ambiente escolar. Destas horas, a escola perde preciosos minutos por problemas de indisciplina, carência de materiais, efetuação de chamada, avisos, ausências e tantas atividades (ou a falta delas) que fazem perder o pouco tempo em que o aluno permanece no espaço escolar.

Aqui vai uma sugestão para administradores e para professores: verifiquem, em suas escolas, quantos minutos diários são efetivamente

dedicados aquilo para o que existe a escola, ou seja, ensinar e aprender. Quantos minutos são desperdiçados a cada dia? Qual é o nível de efetiva produtividade da sua escola? Sobre os 200 dias anuais previstos para as aulas, quantos são desperdiçados? Sobre as 800 horas anuais, que já são poucas, quantas são efetivamente utilizadas para trabalhos de ensino e educação?

Em tempos de crise, mais do que nunca, qualquer empresa decente está empenhada em aumentar o índice de produtividade e baixar custos. Se um funcionário de empresa privada não apresenta desempenho suficiente, será afastado. Se a própria empresa não for competitiva, será aniquilada por outras. E a escola? Por que a escola não seguiria o mesmo exemplo? Escola também é empresa, empreendimento.

Assim, não há mais espaço para "jeitinho". Os administradores escolares, sejam de escolas privadas ou públicas, tem que ter visão de empresários. Devem estabelecer metas concretas e buscar resultados. Se não o fizerem, também eles deverão deixai" seu lugar. G

Marly Maria Weber e André Mika são pedagogos, professores de ensino superior, mestres em Administração de Empresas e Recursos Humanos.